

A Revolução Alemã de 1918 e o movimento operário brasileiro

Frederico Duarte Bartz*

Resumo: O artigo trata da expectativa e impacto da Revolução Alemã de 1918 sobre o movimento operário brasileiro. O texto analisa a esperança dos militantes com o futuro de um movimento revolucionário na Alemanha, entendido como um passo fundamental para a Revolução Mundial, bem como o impacto desse movimento revolucionário sobre os militantes brasileiros, que ocorreu em uma conjuntura de intensificação nas mobilizações operárias em nosso país.

Palavras-chave: Revolução Alemã, Alemanha, Movimento Operário Brasileiro, Espartaquismo, Revolução Mundial.

The German Revolution of 1918 and the Brazilian labor movement

Abstract: The article deals with the expectation and impact of the 1918 German Revolution on the Brazilian labor movement. The text analyzes the hope of the militants with the future of a revolutionary movement in Germany, understood as a fundamental step for the World Revolution, as well as the impact of this revolutionary movement on the Brazilian militants, which occurred in a conjuncture of the intensification in the mobilizations of the workers in our country.

Keywords: German Revolution, Germany, Brazilian Worker Movement, Spartacism, World Revolution.

* Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor História pela mesma instituição.

Introdução

Neste trabalho será analisada a expectativa e o impacto da Revolução Alemã de 1918 sobre o movimento operário brasileiro. O processo revolucionário naquele país europeu se iniciou em outubro de 1918, ligado às consequências da crise social causada pelo prolongamento do conflito mundial. De fato, foram os marinheiros e soldados que começaram a revolta, sendo acompanhados pelos operários de diversas regiões do país. O conflito levou à derrubada do Kaiser e à proclamação da República em novembro daquele ano, situação em que se confrontaram os reformistas do Partido Social Democrata, comprometidos com a burguesia, e os revolucionários da Liga Espartaquista, que pugnavam pelo aprofundamento da Revolução Social.

No Brasil, a Revolução Alemã impactou fortemente os militantes operários, que viviam um período de ascensão de lutas, mas sua repercussão foi bastante diferente da Revolução Russa. Um fato que singularizou o processo revolucionário na Alemanha é que ele foi um fato esperado pelos militantes operários. Durante todo o ano de 1918, existiu uma grande esperança de que a Revolução Russa "contagiase" o centro da Europa, fazendo com que o fim da guerra se articulasse com um processo revolucionário de caráter global. Ou seja, para os militantes operários, a Revolução Alemã seria a senha para o início da Revolução Mundial. Neste sentido, a análise das expectativas, do impacto e do desdobramento da Revolução Alemã sobre o movimento operário brasileiro pode ajudar a compreender melhor as ideias sobre a conjuntura internacional e suas esperanças em relação ao futuro de suas próprias mobilizações.

A Revolução Alemã e a Revolução Mundial

O processo que levou à Revolução Alemã está diretamente ligado às consequências da Primeira Guerra Mundial, assim como aos efeitos da Revolução Russa no restante do continente. Quando se iniciou o conflito, em 1914, havia otimismo quanto à possibilidade de uma guerra que se encerrasse rapidamente. Em 1917, o continente estava cansado e com as feridas expostas. Antes da conflagração, os

tradicionais partidos de esquerda como o Partido Socialista da França e o Partido Social-Democrata da Alemanha apoiaram a guerra, sendo que as poucas vozes dissidentes, vieram dos grupos mais radicais. O desenlace dos acontecimentos deu força aos grupos de esquerda que se opunham ao conflito. A Revolução de Outubro, nas palavras de Hobsbawm, fez com que os desejos de paz e revolução social se fundissem num só:

Que uma revolução na Rússia teria grande repercussão internacional, sempre foi claro desde que a primeira revolução, em 1905-1906, abalara os antigos impérios sobreviventes da época, da Áustria-Hungria até a China, passando por Turquia e Pérsia. Em 1917 toda a Europa se tornaria um monte de explosivos sociais prontos para ignição (HOBSBAWN, 2002, p.66).

Em janeiro de 1918, uma onda de manifestações e greves políticas abalaram os Impérios Centrais. Começando por Viena, o descontentamento passou para a Boêmia e para a Dalmácia, onde os marinheiros se revoltaram. À medida que a derrota dos Impérios Centrais na guerra ficava mais evidente, os exércitos se desmantelavam, voltando-se contra seus próprios governantes. Tanto na Austria-Hungria, quanto na Alemanha, os Imperadores foram obrigados a abdicar. A situação alemã era muito mais grave e enquanto o Império Habsburgo se desmontava para o surgimento de novos países, na Alemanha se levantou uma grande vaga revolucionária.

Formou-se, por pressão popular, um governo encabeçado por Ebert e Scheidemann, líderes do Partido Social Democrata (SPD). Tal governo continuou recebendo pressões da população e dos grupos mais à esquerda do espectro político, como o dos espartaquistas, mas não cedeu ao aprofundamento da revolução. Em janeiro de 1919, quando os operários tomaram Berlim, o governo socialdemocrata reprimiu duramente os socialistas radicais, agora organizados em um Partido Comunista, assassinando seus mais proeminentes líderes: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht (ALMEIDA, 1999, p.25-30). Nesta reação também foi assassinado o presidente da República Socialista da Baviera, que havia sido proclamada em novembro do ano anterior, Kurt Eisner.

Em março de 1919, os levantes operários se espalharam pelo centro da Europa. Um movimento revolucionário foi deflagrado na Hungria, que proclamou uma

república soviética, no qual se destacavam Bela Kuhn e Sandor Garbai. A Revolução Húngara impactou diretamente a Eslováquia, onde surgiu um Estado Soviético, além de incentivar os bávaros a fazerem uma nova revolução, bem mais radical que a primeira, liderada por Eugene Laviné. Estas revoluções na Europa Central foram esmagadas pela reação, sendo que na Hungria se inaugurou a longa ditadura do Almirante Miklos Horthy.

As maiores comoções revolucionárias ocorreram na Europa Centro-Oriental, mas a porção ocidental do continente não passou incólume, pois aí também ocorreram grandes mobilizações operárias. Na Alsácia-Lorena, coração da Europa Ocidental, foi proclamada uma república soviética de curta duração em novembro de 1918. A França e a Inglaterra foram agitadas por grandes greves, na Itália os trabalhadores tomaram o controle em várias indústrias do norte através dos Comitês de Fábrica (DROZ e ROWLEY, 1988, p.190-191). Na Espanha, houve uma movimentação tão intensa que os anos de 1918-19 foram chamados de “biênio bolchevique”.

Acreditando na possibilidade de uma revolução duradoura que se espalhasse pelo continente, os bolchevistas russos decidiram refundar a Internacional Socialista, já que estava dominada por tendências moderadas. A Internacional Comunista nasceu em Moscou, em 1919, para se tornar o estado maior da Revolução Mundial, coordenando os principais grupos revolucionários da Europa.

Apesar de todos os esforços, a Revolução Mundial foi derrotada fora da Rússia e os próprios russos tiveram de iniciar a construção de um caminho para o socialismo em condições muito adversas. Mesmo assim, este período revolucionário teve um grande impacto no movimento operário mundial e mesmo que a Revolução Social não tenha sido vitoriosa na Alemanha e no restante da Europa, sua expectativa e o desenrolar das revoltas influenciaram os militantes operários em diversas partes do mundo.

A expectativa em relação à Revolução Alemã

A expectativa em relação à Revolução Alemã não pode ser dissociada das notícias relacionadas com o desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial. O conflito

que ocorria na Europa era a maior guerra da história, um enfrentamento entre grandes potências que se arrastava fazia três anos, tendo como principal consequência o sacrifício de milhares de operários e camponeses. A classe trabalhadora era a que mais sofria no conflito. O Império Alemão, com sua política expansionista e seu militarismo agressivo, aparecia como um dos principais culpados pela extensão da conflagração europeia. De maneira paradoxal, a Alemanha era também um dos países com a classe operária mais numerosa, além disso, havia um grande movimento sindical e um partido forte de origem operária. Tudo isso alimentava o desejo e a esperança de que os trabalhadores alemães quebrassem seus grilhões, pondo fim aos massacres e engendrando o início de uma grande Revolução Mundial (o que se justificava pela centralidade deste país no mundo capitalista).

Logo após o início da Revolução Russa, vemos esse desejo expresso no primeiro número do periódico *A Semana Social*, de Maceió, em 30 de março de 1917. Neste número já aparece um artigo intitulado “A Revolução Russa: a suas causas e possíveis consequências”. No texto, o autor afirma que a Revolução de Fevereiro só poderia ser analisada sob a “lente do materialismo histórico”, explicando que o levantamento tinha suas raízes na Guerra Mundial e na política expansionista da Alemanha. Apesar disso, os social-democratas na Alemanha e seus companheiros em outros países seriam atingidos pelo gérmen da revolta e acabariam com a carnificina. (*A Semana Social*, 30/03/1917, p.1).

Assim como naquele artigo, outro texto, de 29 de junho, chamado “A convulsão mundial”, também ligava o movimento russo à Primeira Guerra Mundial: a revolução estava tomando um rumo anárquico (no sentido político do termo), pois as armas que a burguesia havia entregado aos camponeses iriam ser usadas contra esta mesma burguesia; além disso, a guerra, que se espalhou por todos os territórios, iria conduzir a um processo revolucionário que também se espalharia, trazendo um novo tempo de paz à humanidade (*A Semana Social*, 19/06/1917, p.1).

A ligação com o conflito mundial e a esperança de uma revolução que seguisse o rastilho da Guerra e determinaria o seu fim, mas também baqueando o capitalismo, é uma imagem que será recorrente até o fim do conflito na Europa. Lendo as manchetes do jornal alagoano, percebe-se que a grande aceitação que a Revolução Russa teve depois da vitória bolchevista em novembro fora antecedida por uma série de expectativas construídas nos meses anteriores. Muitas destas expectativas apoiavam-se

no caráter global que o conflito de 1914 havia adquirido, como uma grande carnificina que sacrificava especialmente a classe operária, engajada nos exércitos nacionais.

A Revolução Social acabaria com a Guerra, mas não seria apenas isso: também prepararia a libertação de todos os povos sacrificados no conflito. É importante ter isso em mente para compreender a reação dos militantes de diversos pontos do Brasil quando os bolchevistas venceram na Rússia e o momento em que os trabalhadores começaram a se levantar na Europa Central, pois seria a confirmação daquilo que havia sido esperado.

As expectativas a respeito de uma convulsão na Europa Central iriam se generalizar durante o ano de 1918. As notícias da *Tribuna do Povo*, de Recife, permitem ver isso com muita clareza. No dia 10 de março de 1918, no texto “Porque a Alemanha ataca a Rússia”, um articulista comenta as hostilidades alemãs e o fato que suas tropas até poderiam tomar a Rússia, mas a Alemanha seria fatalmente conquistada pelos maximalistas (*Tribuna do Povo*. 10/03/1918, p.2-3). No dia 20 de março, em “A paz russo alemã”, justifica-se o Tratado de Brest Litovsky, afirmando-se que a paz havia sido feita para que os maximalistas pudessem manter a Rússia, mesmo perdendo algumas províncias, mas os socialistas alemães iriam se levantar também, ocasião em que o Kaiser e o Czar seriam conjuntamente expulsos (*Tribuna do Povo*. 20/03/1918, p.2).

No dia 20 de abril, este tema seria desenvolvido de forma mais clara no artigo “Por que demora a revolução europeia”, em que o mesmo periódico explicava que a pressão alemã sobre os russos estava barrando o maximalismo e o movimento revolucionário na Europa, que seria a base da Revolução Mundial:

E por que demora a revolução europeia?

Demora justamente porque os povos da Europa Central estão demorando a sacudirem o jugo autocrata que os traz dominados e os maneja criminosamente.

Porque, se a revolução russa é a introdução da revolução europeia, a revolução alemã é dela o primeiro ato. Os atos seguintes já estão preparados na França, na Itália, na Espanha e na Inglaterra - mas como poderão desenrolar-se sem que se desenrole o primeiro?

Essa demora no desenvolvimento do seu primeiro ato vem até prejudicar a introdução do drama. Quem não vê que a revolução

russa está encontrando dificuldades em seu desenvolvimento porque na Europa Central a democracia ainda não elevou sua voz? (*Tribuna do Povo*, 20/04/1918, p.1).

Neste mesmo número do jornal, era publicada uma biografia de Krylenko, líder bolchevista colocado ao lado de Trotsky e de Lenin. No dia 20 de maio, o tema é retomado, em “A situação da Rússia”, que comentava a fraqueza do país frente a Alemanha (que estava avançando sobre seu território), mas esta força seria apenas passageira, já que os maximalistas estavam em processo de organização, enquanto o restante da Europa estava se desorganizando (*Tribuna do Povo*, 20/05/1918, p.2).

A Revolução Alemã e os seus impactos

A Guerra Mundial havia tomado um novo rumo a partir de setembro de 1918: os Impérios Centrais passaram a sofrer reveses cada vez maiores e os países da Entente tomaram a ofensiva. A Bulgária, o Império Otomano, o Império Austro-Húngaro e o Império Alemão capitularam, decidindo negociar as condições de paz. As reações, dentro do Império Alemão caminharam para a Revolução Social: após considerar as condições de paz inaceitáveis, os comandantes militares resolveram retomar a ofensiva, mas os soldados não aceitaram o retorno à luta.

No início de outubro, os marinheiros, que estavam estacionados na cidade de Kiel e que deveriam realizar um novo ataque sobre o Canal da Mancha, revoltaram-se. Os insurrectos depuseram seu Comandante Militar e elegeram um Conselho (Räte) de Soldados e Marinheiros, aos quais se juntarão, logo depois, representantes dos trabalhadores. Mesmo com a intervenção apaziguadora do Partido Social Democrata na revolta, foi impossível impedir que as notícias se espalhassem e que outras guarnições aderissem rapidamente. Em pouco tempo, a Revolução Alemã tomava corpo e chegava ao centro do poder, Berlim.

A situação se radicalizou e o Kaiser Guilherme teve de fugir para a Holanda. A República foi proclamada dia 9 de novembro, ou melhor, duas Repúblicas: enquanto os membros mais moderados do Partido Social Democrata, como Friedrich Ebert, apressavam-se para fundar a República Alemã, a Liga Espartaquista (dissidência radical

da social democracia), liderada por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, proclamavam a República Socialista Livre Alemã. Esta duplicidade permanecerá por algum tempo, com grupos radicais e moderados lutando para dar forma a esta nova Alemanha. Enquanto isso ocorria, levantamentos similares vão acontecer na Áustria, na Hungria, na Bulgária, na Eslováquia e na Alsácia Lorena. A Revolução Social espalhava-se rapidamente, em alguns lugares com mais consistência do que em outros, mas era difícil ignorar as previsões que vaticinavam uma Europa saída da Guerra reabilitada pela força dos operários e soldados revolucionários (ALMEIDA, 1999, p.25-30).

No dia 10 de novembro, a *Tribuna do Povo* já noticiava, em “O Movimento Operário”, os acontecimentos europeus, informando que estava se dando o desenlace do grande drama da humanidade, e, já que não podiam apoiar os revolucionários de armas na mão, os brasileiros estariam em espírito com eles (*Tribuna do Povo*, 10/11/1918, p.1). Na página três do mesmo jornal, era publicada a sugestiva chamada “O mundo maximalisa-se!”, que dava conta de movimentos revolucionários em várias regiões do mundo (*Tribuna do Povo*, 10/11/1918, p.3). No dia 20 de novembro, o mesmo a *Tribuna do Povo* estampava, na primeira página, sob o título de “No limiar da nova era”, um texto que iniciava com estas comoventes palavras:

Felizes os homens de hoje, pois seus olhos se vão recrear no mais imponente espetáculo da história: o triunfo da liberdade sobre a tirania. A vitória das ideias socialista-anarquistas, que representam a causa da Liberdade, é coisa de que em boa fé já não se pode mais duvidar. Esta guerra, que representava as mais altas esperanças da burguesia, está dando resultado inteiramente diferente do que convinha aos interesses dos que a desencadearam. Supunham os burgueses que desta luta colossal entre os principais países do orbe o seu poder saísse prestigiado e consolidadas ficassem suas sagradas instituições. Mas a guerra suscitou tantas e tão variadas questões; pôs em jogo tão variados interesses e criou uma situação tal, que a organização burguesa terá de abrir falência. E à falência da organização burguesa sucederá o estabelecimento de uma sociedade socialista, que se iniciará com o mesmo programa do maximalismo russo.

A partir deste ponto, explicava-se o avanço e vitória das forças “socialistas-anarquistas” em âmbito mundial: “Agora, admitida como está a implantação do

bolshevikismo em todos os países, inclusive o Brasil, é necessário esclarecer o que ele é”. O bolshevikismo ou o maximalismo seriam, conforme o jornal, a concepção máxima da teoria socialista (*Tribuna do Povo*, 20/11/1918, p.1).

No dia 1º de dezembro, o mesmo jornal publicava “O maximalismo no Brasil?”, comentando notícia sobre um movimento revolucionário no Rio de Janeiro. Os autores do artigo afirmavam não terem recebido nenhuma notícia sobre o ocorrido, mas, achavam natural que o maximalismo chegasse ao país “e o meio do povo conquistar a felicidade, já se sabe: é formar soviets, é unir-se a soldados e marinheiros contra os políticos e açambarcadores”, porque “não é uma utopia a implantação do maximalismo no Brasil” (*Tribuna do Povo*, 1º/12/1918, p.4). Nesta mesma edição, no artigo “Propriedade privada e comunismo”, aconselhava-se: “Operários, soldados e camponeses, organizai-vos em conselhos” (*Tribuna do Povo*, 1º/12/1918, p.1).

A notícia sobre o maximalismo no Brasil referia-se à tentativa de levantamento de 18 de novembro de 1918, no Rio de Janeiro. Nesta data, a principal organização libertária da Capital Federal, a Aliança Anarquista, tentou articular uma revolta que se iniciaria com uma greve geral e deveria receber a adesão de soldados e marinheiros. A ideia era fazer um “assalto” ao Palácio do Catete, para derrubar o Presidente Delfim Moreira, que havia assumido o poder fazia poucos dias, e proclamar uma República Soviética do Brasil nos moldes da que estava se constituindo na Rússia. O intento foi frustrado pela traição de um Tenente da Marinha, que era um espião da polícia, o que acarretou a prisão ou o exílio dos principais líderes do movimento¹.

Acredito que este momento represente um ponto de inflexão importante na forma como se pensava a Revolução Social no movimento operário brasileiro. Além do impacto da Revolução Alemã e das perspectivas que ela abria para o futuro, esta primeira tentativa de insurreição no Rio de Janeiro vai tornar as possibilidades de revolta menos teóricas e mais reais, ou seja, cada vez mais parte do “possível”, não apenas do “desejado”. Esta inflexão vai se traduzir em um aumento de informações sobre o que ocorria fora do país, mas também em uma maior especulação sobre os modelos de mudança social que estavam em curso. Todos estes fatores vão resultar no

1 Sobre a Insurreição no Rio de Janeiro, ver ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986 e BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. pp.157-200. Para a compreensão desta insurreição a partir de uma perspectiva mais ampla do movimento operário brasileiro, ver OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1937)*. Niterói: PPG em História da UFF, 2009 (Tese de Doutorado). p.90-152.

aprofundamento do debate sobre os rumos da revolução no Brasil, qual seu caráter e quais instrumentos para levá-la adiante.

A Revolução Alemã foi desta forma, uma das chaves para entender o aprofundamento do interesse e das articulações em prol da Revolução Social no Brasil. Claro, a Revolução Alemã não explica por si só um processo de radicalização pelo qual estava passando o movimento operário brasileiro, que vinha se articulando para ultrapassar os limites de uma luta que se dava basicamente no plano sindical e cultural. A conjunção da tentativa insurrecional do Rio de Janeiro, acoplada ao movimento revolucionário internacional, dotou os militantes de um sentido de urgência em relação ao futuro, isto porque se tornava cada vez mais claro que o processo desencadeado pelos bolchevistas não ficaria restrito apenas à Rússia.

A Revolução Alemã e o futuro da Revolução Social

Na Alemanha, a tensão social não foi dissipada depois da Revolução que estabeleceu a República em novembro de 1918. No final de dezembro daquele ano, a Liga Espartaquista, juntamente com o grupo dos Comunistas Internacionais da Alemanha e um contingente significativo de jovens militantes atraídos para a Revolução, fundou o Partido Comunista da Alemanha. No dia 4 de janeiro, eclodiu uma crise por conta da demissão de Emil Eichorn, do Partido Social Democrata Independente, do cargo de Chefe de Polícia de Berlim. A exoneração tinha raízes na recusa de Eichorn reprimir operários em protestos de dezembro de 1918. A decisão provocou uma série de manifestações contra o governo de Friedrich Ebert, levando milhares de operários armados ao centro da capital alemã.

Os revolucionários elegeram um Comitê Revolucionário Provisório e Karl Liebknecht, um dos líderes do KPD, conclamou os operários à luta armada para a derrubada do governo. O governo social-democrata, por sua parte, chamou as tropas para Berlim, para sufocar o movimento revolucionário. A partir do dia 9 de janeiro, as tropas fiéis ao governo entraram em Berlim, atacando manifestantes e militantes que haviam promovido as manifestações. Em 15 de janeiro, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht foram presos e assassinados por Freikorps (grupos paramilitares), tendo

seus corpos jogados em um rio. Depois da violenta repressão, o Partido Social Democrata trabalhou para estabelecer um acordo com outros grupos políticos para estabelecer na Alemanha uma República Liberal. Mesmo assim, outras revoltas e protestos continuaram ocorrendo, dos quais o mais importante foi o estabelecimento de uma República Soviética na Baviera, que duraria até maio daquele ano (ALMEIDA, 1999, p.25-30).

É necessário ressaltar que, mesmo com a repressão ao movimento de janeiro, a a Revolução Alemã continuava sendo um exemplo. Além disso, o espartaquismo passou a surgir como um exemplo de movimento revolucionário. As manifestações do dia 1º de maio de 1919, no Rio de Janeiro, traziam mensagens de apoio à Revolução de Outubro, à Revolta Espartaquista, à Hungria Livre e à Baviera Emancipada (FAUSTO, 1977, p.170-172). Neste sentido, o movimento espartaquista representava a ampliação de possibilidades de exemplos revolucionários que poderiam ser mobilizados para além da própria Revolução Russa.

Na conferência de José Ingenieros “A significação histórica do maximalismo”, pronunciada em novembro de 1918 (mas publicada no jornal *A Plebe* somente no dia 26 de abril de 1919), o filósofo argentino discorre sobre a importância da Revolução Alemã para o desenvolvimento do movimento revolucionário universal, mas dirige suas conclusões no sentido de uma pluralidade de formas de suas manifestações: “Não haverá um maximalismo uniforme e universal, mas tantos quantos são os núcleos sociológicos que recebem o benéfico influxo da presente revolução social” (*A Plebe*, 26/04/1919, p.4). É possível que esta leitura tenha influenciado a visão sobre a Revolução Alemã, pelo menos em alguns militantes. O jornal *O Rebate*, de Pelotas, entrevistou o Dr. Kessler (um mês depois da publicação da conferência de Ingenieros), na qual o personagem coloca o espartaquismo como um desenvolvimento particular do movimento revolucionário na Alemanha.

Maximalismo significa o máximo de bem estar imediato para todos os homens. Maximalismo quer dizer ainda a realização máxima do programa socialista comunista. Contrapõe-se ao minimalismo, que se satisfaz com a realização mínima do programa simplesmente socialista. Assim entendido maximalista não é só o nome de um partido russo, mas a substância de todos os partidos avançados que, em qualquer parte da terra, desejam a

substituição imediata da ordem capitalista e burguesa por uma ordem acentuadamente comunista. Quanto à seu triunfo em todo o mundo civilizado, julgo-o inevitável e para breve. Tomará de certo nomes diferentes: aqui se chamará espartacismo, ali comunismo, mais além, socialismo radical ou anarquismo. O nome importa pouco (*O Rebate*, 07/05/1919).

Mesmo tratando-se de um personagem fictício², esta abordagem mostra que havia a possibilidade de compreender a Revolução Alemã, e mais especificamente o espartaquismo, como um desenvolvimento particular do movimento revolucionário mundial, com características diferentes da Revolução Russa, embora o texto não se estenda em quais seriam estas diferenças e características.

Para além desta hipótese, existe um conjunto interessante de informações sobre a Alemanha divulgados no jornal *O Syndicalista* de Porto Alegre. No dia 2 de agosto, aparecem as biografias, de Friedrich Libknecht e de Rosa Luxemburgo, nas quais se elogia a trajetória de ambas lideranças revolucionárias, principalmente o desligamento do Partido Social Democrata e a criação da Liga Spartacus (*O Syndicalista*, 02/08/1919, p.2). Na edição de 3 de setembro, é apresentada uma biografia de Emil Eichorn, do Partido Social Democrata Independente, que, mesmo sendo Chefe de Polícia ficara do lado dos espartaquistas (*O Syndicalista*, 03/09/1919, p.2). No dia 2 agosto, também havia sido publicado, no “Folhetim syndicalista”, “Uma scena no céu”, conto humorístico em que o Capitão Satanás (Friedrich Kniestedt) descrevia a chegada dos dois espartaquistas ao paraíso, em uma clara atitude de afronta a Deus (*O Syndicalista*, 02/08/1919, p.4).

O maior número de textos sobre a Alemanha pode estar condicionado ao grande número de operários desta origem que viviam em Porto Alegre ou pela presença de alemães como Friedrich Kniestedt na Federação Operária, o que poderia ajudar na obtenção e na tradução das informações³. Inclusive, foi realizada na Allgemeiner

2 Dr. Kessler foi um personagem criado pelo advogado carioca Roberto Feijó, que escreveu textos como se fosse o representante da República Russa dos Soviets no Brasil. A distribuição destes textos parece ter tido um impacto importante e no caso do trecho citado acima, não se sabe se foi de autoria do próprio Feijó, ou de um militante da cidade de Pelotas que teria forjado a entrevista.

3 Sobre o movimento operário do Rio Grande do Sul e suas particularidades, ver PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *“Que a união operária seja nossa pátria”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. Sobre os imigrantes alemães no movimento operário, a partir da trajetória de Friedrich Kniestedt, ver GEERTZ, René. Operários

Arbeiter Verein (Associação Geral dos Trabalhadores) de Porto Alegre uma palestra realizada por Friedrich Kniestedt sobre “A Revolução Russa e a Revolução Alemã”. Infelizmente, o conteúdo desta conferência não chegou até nós, o que poderia nos dar ao menos alguns elementos sobre a diferenciação do espartaquismo frente a outros movimentos pelos militantes que atuavam naquele momento, pelo menos no estado do Rio Grande do Sul.

Conclusão

A Revolução Alemã de 1918 foi um movimento muito importante no contexto das revoltas operárias que se seguiram ao final da Primeira Guerra Mundial. O movimento revolucionário já era esperado antes de sua eclosão, que se deu em novembro daquele ano. Isso se explica pela expectativa gerada pela revolução proletária iniciada na Rússia, na esperança que ela avançasse em direção ao centro da Europa para atingir o coração do capitalismo. Neste sentido, a Revolução Alemã abriria o caminho para a Revolução Mundial. O movimento alemão de novembro de 1918 coincidiu com o mesmo período da insurreição operária do Rio de Janeiro, articulada pela Aliança Anarquista, o que reforçou o impacto das notícias do exterior, reforçando a ideia que se ingressava em período revolucionário.

Em 1919, o levantamento operário em Berlim foi violentamente reprimido, mesmo assim o movimento revolucionário na Alemanha continuou sendo usado como um exemplo da expansão da vaga de libertação da classe trabalhadora, ao lado de outros processos, como a Revolução Húngara, por exemplo. Neste momento, inclusive, surgiu a ideia de que o espartaquismo poderia ser uma forma específica de expressão do movimento revolucionário, em uma pluralidade de outros processos. Além disso, também é notável o interesse pelos fatos ocorridos na Alemanha no Rio Grande do Sul, o que pode ser explicado pela presença germânica naquele estado e pela atuação de militantes alemães no movimento operário gaúcho.

Alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937) ou Friedrich Kniestedt também foi um imigrante alemão. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.6, n.11, set-fev. 1986.

Por fim, o que se pode afirmar é que a Revolução Alemã de 1918 provocou bastante interesse entre os militantes brasileiros, servindo como uma fonte de esperança para todos aqueles que desejavam que o movimento revolucionário da classe trabalhadora tomasse um caráter universal.

Jornais:

A Plebe, São Paulo – 1919.

A Semana Social, Maceió - 1917.

A Tribuna do Povo, Recife – 1918.

O Syndicalista, Porto Alegre – 1919.

O Rebate, Pelotas – 1919.

Bibliografia:

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do fascismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

DROZ, Bernard e ROWLEY, Anthony. *História do século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1977.

GEERTZ, René. Operários Alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937) ou Friedrich Kniestedt também foi um imigrante alemão. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.6, n.11, set-fev. 1986.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos. o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1937)*. Niterói: PPG em História da UFF, 2009 (Tese de Doutorado).

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.